



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA

**JOGOS ESCOLARES E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
INVESTIGANDO ESTA (DES)ARTICULAÇÃO**

Jaqueline Luiza Klein

Lajeado, junho de 2018

Jaqueline Luiza Klein

JOGOS ESCOLARES E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: INVESTIGANDO ESTA (DES)ARTICULAÇÃO

Artigo para disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Educação Física - Licenciatura, da Universidade do Vale do Taquari-UNIVATES, como parte de exigência para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador(a): Prof. Dr. Derli Juliano Neuenfeldt

Lajeado, junho de 2018

JOGOS ESCOLARES E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: INVESTIGANDO ESTA (DES)ARTICULAÇÃO

SCHOOL GAMES AND SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: INVESTIGATING THIS (DIS)ARTICULATION

Jaqueline Luiza Klein

RESUMO: O esporte, atualmente, é conteúdo prioritário na Educação Física Escolar. Entretanto, critica-se a reprodução do esporte de rendimento desta, sendo que dever-se-ia ensinar um esporte com fins pedagógicos e características escolares. Nesse contexto, situam-se os Jogos Escolares. Essa pesquisa objetiva analisar a relação dos Jogos Escolares com a Educação Física Escolar. Para isto, entrevistou-se cinco professores da Rede Municipal de uma cidade do Vale do Taquari/RS/BR, que lecionam nos Anos Finais do Ensino Fundamental e que participam dos Jogos Escolares. Constatou-se que os Jogos Escolares influenciam na Educação Física Escolar, pois conteúdos, planejamento anual e método de seleção dos participantes ocorrem de acordo com a proposta dos Jogos. Apesar de os Jogos serem pautados no esporte de rendimento, há princípios educacionais visualizados pelos professores, tais como a cooperação, a coeducação, o respeito e a socialização. Todavia, os professores perceberam também atritos e situações que contradizem estes princípios; e a partir disto, pôde-se refletir sobre a possibilidade de mudanças e outros modelos de Jogos a fim de alcançar os princípios pedagógicos.

Palavras Chave: Educação Física Escolar; Jogos Escolares; Esporte; Escola.

ABSTRACT: The sport, currently, is the priority content of School Physical Education. However, it is criticized the reproduction of performance sports in School Physical Education, once it should be taught a sport with pedagogical purpose and scholar characteristics. Is in this

context that the School Games are situated. This research aims itself to analyze the relation of the School Games with the Physical Education. To do so, it was interviewed five professors from the Municipal Network of the Municipality of Vale do Taquari/RS/BRA, which teach in the Final Years of the elementary school and participate of the School Games. It was found that the School Games have influence in the School Physical Education, once the taught content, annual planning and selection method of the participants occur according with the Games proposal. Despite the Games are patterned in performance sports there are educational principles visualized by the professors, such as cooperation, respect and socialization. However, the professors also noticed conflicts and situations that contradict these principles, and, from this, it could be reflected the possibility of changes and other Games models in order to reach the pedagogical principles.

Key-Words: School Physical Education; School Games; Sport; School.

INTRODUÇÃO

Basta olhar para uma aula de Educação Física para observar que um dos principais conteúdos trabalhados pelos professores é o esporte. Na trajetória histórica da Educação Física, sabe-se que nem sempre foi assim. O ensino dela já foi abordada com a lógica de diversas tendências, cada qual com seu objetivo. Entre as tendências, a Higienista, a Militarista, a Pedagogicista e a Competitivista foram as mais marcantes (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2001).

Cabe aqui destacar a tendência Competitivista, que têm como objetivo a competição e a superação individual. Sendo ela, um marco para ascensão do esporte, pela necessidade de formar atletas para representar o país nas Olimpíadas e conquistar medalhas, vislumbrando na Educação Física Escolar um espaço onde estes objetivos poderiam ser contemplados (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2001).

Com este mesmo intuito, em 1969, surgiram os Jogos Estudantis Brasileiros, atualmente chamados de Jogos Escolares da Juventude. A disputa tem como objetivo primordial a integração através do esporte, mas também exalta os atletas revelados no evento, pois participam de Olimpíadas representando o país.

Com o passar dos tempos, outras tendências de ensino foram surgindo e uma delas foi a sociologia crítica do esporte, que busca desenvolver um olhar atento a respeito do esporte e sua relação com a escola (BRACHT, 2009). Esta tendência ganhou força nas décadas de 1970 e 1980, com a finalidade de pensar a relação que a Educação Física Escolar tem com o esporte de rendimento, Bracht (2009), preocupação presente nos discursos de Kunz (2016), Bracht (2003) e Hildebrandt-Stramann (2001).

A sociologia crítica do esporte questiona o fato da presença deste no meio escolar ainda ser tratado por muitos professores com a mesma lógica do de rendimento. Este último tem como características a seleção, o recorde e a ação visando um objetivo final de vitória com movimentos mecânicos; características estas que não condizem com os objetivos da Educação Física Escolar sob uma perspectiva inclusiva.

Assim como há os Jogos Escolares da Juventude, diferentes municípios também promovem suas próprias disputas. Contudo, questiona-se se os Jogos Escolares, nos quais participam estudantes, seguem os mesmos objetivos da Educação Física Escolar ou se seguem a lógica do esporte de rendimento. Isso justifica o estudo desta temática, que tem como finalidade analisar quais são as características do esporte que estão sendo apresentados aos alunos, o esporte “da escola”, com seus objetivos e funções escolares, ou o esporte “na escola”, que são uma extensão da instituição esportiva (BRACHT, 1997).

Devido a isto, esta pesquisa tem como problemática principal discutir e pensar de que forma ocorre a articulação dos Jogos Escolares de um Município do Vale do Taquari/RS/BR com a Educação Física Escolar das escolas participantes.

O trabalho objetiva, de forma geral, analisar se há uma relação dos Jogos Escolares com a Educação Física Escolar. Sob o aspecto específico, busca analisar se há influência dos Jogos Escolares nos conteúdos desenvolvidos na Educação Física Escolar; investigar se as escolas participantes treinam os alunos para os Jogos Escolares; apurar sobre como os professores percebem os Jogos Escolares e sua relação com a formação dos alunos; e investigar como é realizada a seleção dos alunos para essas competições.

O estudo tem sua relevância no que diz respeito a repensar como está sendo abordado o esporte escolar na Educação Física e também como os professores tem encarado os Jogos Escolares, uma competição escolar. A partir deste, espera-se contribuir para a reflexão do ensino do esporte na Educação Física Escolar; bem como a pensar e repensar as propostas, tanto de Interséries (jogos internos da escola) quanto de Jogos Escolares, a fim de provocar o surgimento de modelos que se adaptem ao ambiente escolar e a seus alunos, no qual todos estejam incluídos no processo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é realizada sob o cunho qualitativo, valorizando-se as singularidades das respostas e do meio de estudo. Este paradigma, segundo Minayo (2008, p. 21), “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações das crenças, dos valores e das atitudes”.

O contexto do estudo aborda os Jogos Escolares de um município do Vale do Taquari/RS/BR. Estes Jogos Escolares são realizados durante todo o ano letivo, sendo divididos em oito modalidades, das quais estão xadrez; voleibol; futsal; handebol; basquetebol; futebol 7; tênis de mesa e atletismo. As disputas abrangem as escolas das redes municipal, estadual e privada e contemplam três categorias: mirim (sub-13), infantil (sub-15) e juvenil (sub-17) nos naipes feminino e masculino.

As datas dos Jogos e a ordem das modalidades a serem disputadas são definidas no início do ano, no mês de março, em uma reunião com todos os professores participantes, juntamente, com a Secretaria de Esporte e Lazer do Município, que é responsável por organizar o evento.

Em todas as modalidades disputadas há premiação de medalhas para os primeiros, segundos e terceiros lugares. Os campeões representam o município no JERGS (Jogos Escolares do Rio Grande do Sul). Cabe ressaltar que ao distribuir as datas, a organização dos Jogos Escolares deste município do Vale do Taquari não segue o calendário do JERGS, pelo fato de serem disputadas muitas modalidades em um curto espaço de tempo. A Secretaria de Esporte e Lazer decide, então, elaborar seu próprio calendário para que haja disputas durante todo o ano. No caso de haver competição de uma modalidade no JERGS que o município ainda não classificou o representante, fica acordado que quem o representará será o campeão dos Jogos do ano anterior. A arbitragem dos Jogos Escolares deste município é feita de forma terceirizada, sendo realizada uma licitação para a escolha da equipe de arbitragem.

Os sujeitos participantes na pesquisa foram professores de Educação Física da rede municipal de um município do Vale do Taquari, que lecionam nos Anos Finais do Ensino Fundamental e que participaram dos Jogos da cidade, no ano de 2017. Assim, resultando em cinco professores entrevistados de um total de sete. Ressalta-se que a

razão de os dois professores não serem incluídos na pesquisa foi por ser o primeiro ano de trabalho com as turmas e, conseqüentemente, pelo motivo de não vivenciarem os Jogos com as mesmas.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi uma entrevista semiestruturada, no qual: "O entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada", e conteve 12 questões abertas elaboradas com base nos objetivos da pesquisa (MINAYO, 2008, p. 64). A realização desta deu-se no horário de planejamento dos professores, sendo previamente agendada com os entrevistados.

Quanto aos cuidados éticos¹ ao executar a coleta de dados, inicialmente contatou-se a Secretaria de Educação que elaborou uma Carta de Anuência, consentindo a realização da pesquisa com os seus servidores. No ato da entrevista com os professores, apresentou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi lido e assinado antes da realização das perguntas, assim, concordando em colaborar com as informações para a pesquisa. Os entrevistados também estiveram de acordo em gravar esse momento, que foi posteriormente transcrito e enviado a eles para aprovação e/ou possíveis alterações.

O diagnóstico das informações baseia-se em Moraes (2005), que propõe uma análise textual. Uma das principais etapas deste tipo de compreensão é a categorização. Nesta, todas as informações colhidas na pesquisa são divididas em classes que têm alguma aproximação, para que assim possa fazer-se uma melhor compreensão e análise. Assim, estas categorias constituem-se um conjunto de unidades (MORAES, 2005).

¹ Projeto encaminhado e aprovado no COEP/Univates. Parecer n.º 2.452.733 em 21/12/2017.

A partir da análise dos dados, destacaram-se duas categorias. Uma delas denominada de “Influência dos Jogos Escolares na Educação Física Escolar”, tratando de discussões acerca da preparação, seleção e organização do planejamento frente aos Jogos. A outra de “Jogos Escolares e contribuições na formação dos alunos a partir da ótica dos Professores”, que abrange a necessidade de mudanças nos Jogos, outros modelos de Jogos e os Jogos e a formação dos alunos, baseada na visão dos professores.

Ainda, na análise das informações, faz-se uso da técnica de triangulação, que tem como objetivo “Abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo” (TRIVIÑOS, 1987, p. 138).

Em cada ponta do triângulo se constitui um pilar. O primeiro é composto por percepções, ações e comportamentos dos sujeitos. Outro é formado por documentos, instrumentos legais. Por fim, para completar a triangulação, o pilar que se refere aos “Modos de produção [...], às forças e relações de produção, à propriedade dos meios de produção e às classes sociais” (TRIVIÑOS, 1987, p. 139).

INFLUÊNCIA DOS JOGOS ESCOLARES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Esta categoria apresenta e discute as respostas obtidas sobre a temática influência dos Jogos Escolares na Educação Física Escolar e esclarece objetivos específicos da pesquisa sobre a seleção dos alunos para as disputas. A discussão segue a linha da abordagem da pedagogia crítica na Educação Física, que contesta o ensino do esporte na escola sob a ótica do rendimento.

Para melhor compreensão da discussão é necessário entender as características principais do esporte de rendimento, que são fonte de críticas. Kunz (2009, p. 29) descreve que “Para atender a otimização de rendimentos e a maximização de

resultados” o esporte de rendimento utiliza-se de medidas como “especialização”, “selecionamento” e “instrumentalização”. Estas se referem a duas regras básicas do esporte de rendimento: “A sobrepujança e a comparação objetiva”. Bracht (2003, p. 14), também, comenta que as características básicas do esporte de rendimento são a “Competição, rendimento físico-técnico, record, racionalização e cientificização do treinamento”.

O esporte tem suas características particulares e a escola tem seus objetivos específicos. Então, como se pode trabalhar o esporte com suas características de rendimento em um ambiente escolar? É sobre isso que Bracht e Almeida (2003, p. 97) comentam:

A escola tem especificidades que precisam ser respeitadas; isso “obriga” todo e qualquer tipo de saber que pretenda adentrar a escola a passar pelo crivo dessas especificidades, tornando-se um saber tipicamente escolar. Portanto, e sem negar o potencial educativo do esporte, é preciso que o esporte passe por um trato pedagógico para que se torne um saber característico da escola e que se faça educativo na perspectiva de uma determinada concepção ou projeto de educação.

Assim, o principal objetivo da sociologia crítica, que vai ao encontro das proposições deste trabalho, está em trazer significados pedagógicos ao esporte da Educação Física Escolar e não apresentá-lo somente da forma institucionalizada. Hildebrandt-Stramann (2001, p. 42) explica que “A tarefa desta concepção crítica é a ampliação do significado do movimento para significados mais expressivos, mais comunicativos, mais explorativos e mais produtivos.”, sentidos estes não atingidos ao trabalhar com uma proposta de rendimento.

Na pesquisa, os professores foram questionados sobre o planejamento de ensino (conteúdos a serem abordados e as respectivas datas) e metodologia das aulas na Educação Física Escolar perante aos Jogos Escolares do município. Uma das questões foi se a sistematização dos conteúdos é influenciada pelos Jogos. Dos cinco

entrevistados, obteve-se três distintas respostas: sim (uma resposta), em parte (três respostas) e não (uma resposta).

O Professor C faz seu planejamento de acordo com os Jogos. Ele comenta como estrutura os conteúdos do ano letivo de seus alunos:

Agora, de início, fazemos toda uma revisão do que a gente já trabalhou nos anos anteriores para esperar exatamente a época da Secretaria de Esportes fazer a reunião e repassar as datas e, em cima do calendário deles, eu tento organizar o nosso calendário (ENTREVISTA, 13/03/2018).

Em relação a isto, a Educação Física Escolar ao ser planejada em razão do evento assume o “esporte na escola”, já citado neste trabalho por Bracht (1997), pois vem de fora para dentro, a partir de uma proposta da SMEL (Secretaria Municipal de Esporte e Lazer), e não da Secretaria de Educação do Município, sendo os Jogos baseados no esporte institucionalizado.

Outros professores relatam que sistematizam em parte o planejamento com os Jogos Escolares e explicam como realizam a organização deles:

Às vezes, eu puxo o conteúdo para trabalhar no mês que acontece a modalidade nos Jogos, mas normalmente eu vou trabalhando na sequência do meu planejamento (ENTREVISTA, 05/04, Professor D).

Normalmente eu programo por mês as atividades e aí eu acabo focando no mês aquela atividade. Nós não participamos de todas as modalidades, aí acaba não ficando muito esquematizado isso (ENTREVISTA, 28/03, Professor E).

Dentro do planejamento que deve ser feito, conforme é possível, se trabalha se dá um enfoque na modalidade dos Jogos quando tu vai levar alunos, mas não é o principal (ENTREVISTA, 09/03, Professor A).

Nota-se que o planejamento não é limitado aos Jogos, mas eles têm influência na organização dos educadores. Do mesmo modo, um professor entrevistado no estudo de Neuenfeldt (2008, p. 75), sobre jogos escolares, afirma que “Quando chega perto da data dos jogos, a gente procura trabalhar com a questão de conteúdo mais

direcionado, pelo fato de deixar o pessoal que não está acostumado a treinar se habituar um pouquinho”.

A não influência dos Jogos acerca da sistematização do planejamento foi a resposta do Professor B:

Eu tenho meu planejamento, os jogos vem na época que vier, mas meu planejamento de aula não é de acordo com as competições, com os jogos, até por que agora é quente, então gosto de trabalhar vôlei por que quando é muito frio acho que a bola machuca (ENTREVISTA, 16/03, Professor B).

O Professor B mantém sua organização de acordo com seu espaço de trabalho e com o que acredita ser melhor para o funcionamento de sua aula e para os seus alunos.

Sobre a mesma questão, porém com enfoque na metodologia de ensino utilizada durante as aulas de Educação Física, o Professor C é enfático ao afirmar que utiliza de uma metodologia Competitivista: *“É mais no viés competitivo mesmo”* (ENTREVISTA, 13/03). Este professor sistematiza seu planejamento conforme calendário dos jogos, como já demonstrado anteriormente. Então, pode-se dizer que ele visa resultados na competição, e não somente na participação, como demonstrado na fala: *“Depois que tu começar a trabalhar tu já mais ou menos vai vendo o que tu necessita, primeiros anos a gente vai ganhando experiência, basicamente só participava”* (ENTREVISTA, 13/03, Professor C).

Deve-se ter atenção a esta forma de ensino, pois, como comenta Stigger (2009, p. 124) “[...] muitos professores das escolas têm tratado o esporte com a mesma lógica que é praticada no contexto das competições esportivas federadas [...]” e assim tem visualizado a escola “[...] como mera transmissora dos valores culturais da sociedade em que está inserida”. Este cuidado com o trato do esporte nas aulas de

Educação Física é o que menciona o Professor E: *"Eu cuido muito para que a aula de educação física não seja um treinamento"* (ENTREVISTA, 28/03).

Ainda em relação à metodologia utilizada nas aulas, os Professores B e D comentam, respectivamente:

É a minha aula, visando a aprendizagem dos esportes e não a técnica para o campeonato (Entrevista, 16/03, Professor B);

Eu vou misturando as formas de aprender. Eu ensino a técnica como é que deve ser feito, demonstro para eles e peço que eles façam assim, mas claro que cada um vai fazendo do seu jeito, não é aquela coisa de exigir bem o que seja o correto por que cada um vai visualizando, vai aprendendo e vai tentando (ENTREVISTA, 05/04, Professor D);

A relação encontrada na fala dos professores – demonstradas acima – está no que diz respeito a uma das linhas da pedagogia crítica da Educação Física (emprego da técnica) e que é fonte de mal entendidos por outros autores (BRACHT, 2009). Bracht (2009, p. 15) defende que se pode ensinar a técnica de diversas maneiras, estando ela presente em muitos momentos, como exemplo a "Taça Davis" e em um jogo de frescobol na praia, nos quais seus objetivos e fins são distintos. O autor afirma:

[...] o que a pedagogia crítica em EF propôs/propõe não é a abolição do ensino das técnicas, ou seja, a abolição da aprendizagem de destrezas motoras esportivas. Propõe, sim, o ensino de destrezas motoras esportivas dotadas de novos sentidos, subordinadas a novos objetivos/fins, a serem construídos junto com um novo sentido para o próprio esporte.

O autor ainda comenta que a pedagogia crítica se propõe em trazer significados pedagógicos ao esporte escolar e não apresentá-lo, somente, da forma institucionalizada, Bracht (2009), sendo que a reflexão deve acompanhar o movimento:

[...] nossa defesa não é por sua abolição das aulas, mas sim por um trato pedagógico do esporte – analisando o tipo de educação veiculado por uma ou outra forma de manifestação esportiva – para que se torne educativo numa determinada perspectiva (crítica) de educação (BRACHT; ALMEIDA, 2003, p. 97).

Oteve-se respostas variadas quanto à preparação para os Jogos Escolares. O aproveitamento da aula de Educação Física para este fim foi uma das respostas, como relatado nas falas a seguir:

Em uma ou outra aula, eu acabo dando um jeito de juntar alguns alunos e acabo fazendo uma aula assim que fazem só os que jogam (ENTREVISTA, 28/03, Professor E).

Quando dá, junto eles. Um pouco para combinarmos qual vai ser a equipe, como vamos trabalhar, com o que temos que tomar cuidado. E, para fazer isso, eu tenho que tirar algum aluno de outra aula (ENTREVISTA, 09/03, Professor A).

A hora atividade dos professores (hora do planejamento) e o intervalo das aulas surgiram como alternativas para indisponibilidade de tempo dos professores em realizar a preparação em outro momento, como demonstra os comentários seguintes:

Eu pego os alunos no meu horário de planejamento e trabalho com eles fora da aula. Por que são só alguns que jogam, não são todos. Chamo os alunos em um horário e organizo eles (ENTREVISTA, 05/04, Professor D).

Se eu consigo, de repente, os alunos que eu vou levar, eu pego numa hora atividade, sento com eles, converso e deixo até jogar (ENTREVISTA, 16/03, Professor B).

Só no recreio, o único momento assim que eu me proponho, para eles – pelo menos – se verem e se identificarem como equipe (ENTREVISTA, 28/03, Professor E).

A intenção de utilizar estes momentos é interessante, pois os alunos da Educação Física que não participam dos jogos não têm sua aula modificada em função dos poucos que participam. Porém, ainda é algo que se deve refletir, pois mesmo que a preparação não envolva quem não participa dos jogos, há a influência em relação ao conteúdo e planejamento na disciplina. Apesar disto, percebe-se que estes momentos de preparação não são com intuito de treinamento para a competição, mas sim um momento de organização dos alunos como equipe.

O Professor C, por sua vez, comenta já ter realizado treinamento extraclasse:

Tivemos só dois momentos de treinamento extraclasse, que foi quando fomos campeões regionais e quando fomos para fase da região centro do estado. Então, fizemos dois treinamentos, um de futsal e um de handebol feminino, que foram as duas equipes que participaram. Fizemos um encontro à tarde só pra tentar organizar alguma coisa, pois desde que ganhamos não nos juntávamos mais (ENTREVISTA, 14/03).

Os professores não têm disponibilidade de horário para realizar treinamento no turno inverso ao das aulas, por isto só o realizam de forma esporádica. Ainda, há alunos que não podem comparecer por que trabalham. Diferente disto, algumas escolas que compuseram o estudo de Neuenfeldt (2008), dispõe de horário de treinamento e de professores para dar suporte à participação em competições escolares.

Em virtude de não ter disponibilidade de horário, os professores usufruem destes variados momentos, já citados anteriormente, para organizarem a participação nos Jogos Escolares. O Professor C, que diz utilizar uma metodologia competitivista em suas aulas, comenta:

Somos muito fortes aqui no município, as outras escolas pensam que treinamos e não treinamos, não temos tempo de treinamento. Eu sempre deixo claro pros alunos que não vão: se os alunos que tem condições estão indo estão merecendo que estão representando a escola estão conseguindo resultados positivos é por que a aula de educação física funciona e que os outros alunos na aula eles fazem a aula. Se fossem só aqueles alunos que se destacam que fizessem, e aqueles outros alunos não tivessem o mesmo interesse a aula decairia e o resultado decairia também. Eu particularmente sou muito feliz e satisfeito com o trabalho que está acontecendo aqui. Não só pelos resultados, mas por que conseguimos, na educação física, o empenho deles, a participação (ENTREVISTA, 14/03, Professor C).

Apesar da metodologia empregada nas aulas, todos os alunos participam de igual maneira. Neste sentido, há um interessante comentário de Lovisolo (2009, p. 156) acerca da participação dos alunos no esporte:

Você pode propor o esporte da escola com os valores e modalidades que você quiser, entretanto, se ele for chato, se não emocionar, se não for uma atividade antitédio e se não se situar no horizonte dos sonhos dos praticantes, você terá pouquíssimos alunos em qualquer

sistema que valorize a liberdade de escolha das atividades. Se a atividade proposta é um tédio e se não se cruza com os sonhos, apenas a repressão fará que os estudantes participem.

A fala do Professor C também ocasiona uma reflexão sobre as habilidades esportivas aprendidas na escola e os resultados que vem obtendo na competição a partir de seu estilo de trabalho. A Base Nacional Curricular Comum orienta que o aprendizado no esporte deve “reunir tanto as manifestações mais formais dessa prática quanto as derivadas”, ou seja, há a necessidade de aprender o esporte na sua técnica, regras e táticas (BRASIL, 2017). Sendo assim, pode-se considerar que o resultado que o Professor C vem obtendo é fruto do ensino na Educação Física Escolar e não do treinamento.

Como os Jogos Escolares são executados conforme o modelo do esporte de rendimento há a necessidade de selecionar os alunos a fim de formar uma equipe. Sendo assim, é interessante discutir sobre a seleção, que também foi um dos questionamentos feitos aos professores.

O bom desempenho, a habilidade, o destaque nas aulas, o comportamento, a vontade de participar e a motivação são critérios de seleção utilizados pelos professores entrevistados. Dentre os citados anteriormente, a vontade do aluno e o bom desempenho no esporte, também foram critérios de seleção utilizados pelas escolas no estudo de Neuenfeldt (2008), para a participação de uma competição escolar.

"Por ser uma escola pequena a gente acaba levando até mais, não tem que escolher entre muitos." (ENTREVISTA, 16/03, Professor B); "Na verdade se leva quase todos, praticamente todos que são da categoria." (ENTREVISTA, 09/03, Professor A). Relatam os professores que têm facilidades com a seleção dos alunos, diferente do que relata o Professor C:

[...] nossa escola é uma escola muito grande, então às vezes, que nem futsal, que são 10 vagas pra 500 e tantos alunos, é difícil tu conseguir conciliar, levar um aluno que de repente tem muito interesse e não tem um desempenho aquele que tu sabe que de repente vai ser necessário pra ti conseguir jogar alguma coisa (ENTREVISTA, 14/03).

A seleção é utilizada no esporte de rendimento como forma de “otimização de rendimentos e a maximização de resultados”, com o objetivo de eliminar quem não consegue se ajustar aos modelos pré-estabelecidos (KUNZ, 2009, p. 29). Devido a isto, essa seleção dos alunos realizada pelos professores, baseada no desempenho, é um ato que não condiz com princípios educativos. Assim argumentam Tubino, Garrido e Tubino (2007, p. 41) ao se referir ao esporte educacional com a seguinte citação:

Compreende as atividades praticadas nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de Educação, evitando-se a seletividade e a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para cidadania e prática do lazer ativo.

Apesar de realizar esta seleção, alguns dos professores conseguem levar alunos que queiram ir, apesar de não terem muita habilidade, como é o caso do Professor D: *“levo também os alunos que gostam que não têm tanta técnica, mas que têm vontade, pois assim ele vai sendo estimulado a participar”* (ENTREVISTA, 05/04).

Entretanto, há alunos que não querem participar, como relata o Professor B: *“eu já busco dentro da categoria aqueles alunos que percebo que gostam mais, que participam mais, por que – como toda disciplina – tem aqueles alunos que não gostam de fazer e não querem ir também”* (ENTREVISTA, 16/03). Acerca disto, Lovisolo (2009) comenta que nem todos os alunos vão participar com a mesma intensidade e se envolverão da mesma forma, podendo haver alunos que não desejam ser incluídos. Sobre isso, afirma que “[...] a possibilidade não pode ser confundida com sua realização” (p. 164).

A seleção dos alunos também está atrelada ao comportamento dos estudantes, como justificam os Professores C e A:

Às vezes, deixamos de levar aluno que tem desempenho excelente, mas não tem uma conduta correta: tem uma advertência, tem registro... Preferimos levar um aluno que tem um desempenho menor do que levar esse aluno (ENTREVISTA, 14/03, Professor C).

Não adianta ser ótimo jogador se não tiver uma postura adequada, se não souber respeitar os colegas, os adversários, se daqui a pouco vai sair xingando, falando palavrão, ou chutando tudo lá. Eles precisam ter uma postura adequada na escola e ter um desempenho adequado nos esportes para levar para as competições senão, não (ENTREVISTA, 09/03, Professor A).

Pode-se interpretar estes posicionamentos como algo além de uma forma de seleção, sendo um método de avaliação dos alunos, uma moeda de troca ou também uma forma de controlar os alunos (FRIZZO, 2013).

Acredita-se que esta forma de seleção funciona, pois os alunos têm grande desejo de participar dos Jogos:

Eles aguardam muito, por exemplo, quando eu tô com aluno agora: "quando vai começar?", "que dia que inicia?", "quando nós vamos?" (ENTREVISTA, 14/03, Professor C).

De igual maneira, Frizzo (2013) constatou a grande vontade dos alunos de participar dos Jogos e destaca o comentário de um dos alunos que afirmou que os Jogos são uma das melhores coisas do ano.

Assim, este desejo de participação é um grande incentivo, não somente para ocasionar um bom comportamento, mas também para a evolução e participação nas aulas de Educação Física, como comenta o Professor C, a partir da fala de um aluno:

"Sor, tu me puxa o que tu puder", e eu disse: "mas por que tu quer que eu te puxe o que tu puder?" ele disse: "por que eu quero participar. Eu quero que tu me leve em tudo o que tu puder me levar, mas eu quero que tu me cobre, me exige" (ENTREVISTA, 14/03, Professor C)

As opiniões que se deram ao comparar a pedagogia crítica – a cerca da Educação Física – ao posicionamento dos professores, não devem ser levadas como uma manifestação contra o esporte, que é um dos mal entendidos que esta abordagem sofre. A proposição deste estudo é que “[...] quando se adota uma perspectiva pedagógica crítica, este ‘tratá-la pedagogicamente’ será diferente do trato pedagógico dado ao esporte a partir de uma perspectiva conservadora de educação” (BRACHT, 2009, p. 15). A intenção da crítica está em trazer significados pedagógicos ao esporte escolar e não apresentá-lo somente da forma institucionalizada.

Apesar das críticas, o esporte traz inúmeros pontos positivos. É o que será apresentado na categoria a seguir.

JOGOS ESCOLARES E CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS A PARTIR DA ÓTICA DOS PROFESSORES

Entre os pontos positivos dos Jogos Escolares, citados pelos professores, há o destaque para a diversidade de aprendizagens e as experiências únicas que esta competição proporciona aos alunos. Entretanto, sobressaem-se também situações que contradizem princípios educativos e percepções sobre Jogos com outra perspectiva que não seja a de rendimento.

Não se pode deixar de ponderar, a discussão sobre o que legitima e dá visibilidade à Educação Física no espaço escolar. Bracht (2003) afirma que, em determinado tempo, o que passou a manter o espaço da Educação Física na escola foi sua proximidade com o esporte de rendimento, que garantia aos professores “*status*”. O autor acrescenta que “as vitórias nas competições esportivas eram percebidas no imaginário social como indicador de qualidade de ensino” (p. 96).

Contudo,

[...] a presença do esporte competitivo não foi suficiente para tornar a EF uma disciplina importante na escola, principalmente perante a coordenação pedagógica e professores de outras disciplinas. Ela legitima os professores, mas essa legitimação baseia-se na ideia de que a EF é o próprio esporte, naquele caso, o esporte competitivo praticado fora das aulas. Quando sua prática arrefece, a disciplina EF não possui argumentos próprios capazes de mantê-la justificada no interior da instituição (p.96).

Não seriam, então, os Jogos Escolares que legitimariam a Educação Física Escolar em alguns educandários? Qual a razão para a permanência da Educação Física no currículo? Qual seria seu diferencial?

Retomando a questão principal, a socialização foi apontada como um dos benefícios citados pelos professores entrevistados, sendo um valor importante para se conviver em uma sociedade na qual todos têm suas individualidades. Borges (2009) apud Simão (2017) comenta que “[...] o desporto tem um grande valor no contexto social, mostrando à criança que através das modalidades desportivas, pode-se fazer com que crianças que nunca se viram ou se falaram possam interagir” (p. 16). Arelado a isto, está a afirmação do Professor E: *“Nessa interação (Jogos Escolares) eles vão conhecer outros colegas de outras escolas que têm a mesma idade, que vem lá com um objetivo comum. Eu acho que é um momento de festa pra eles, pois passam o dia com outras pessoas e conversando” (ENTREVISTA, 28/03).*

Bracht, Caparroz e Fonte (2003, p. 56-57) comentam que a socialização relaciona-se também com “valores, disciplina e ajuste social”, sendo que é “predominantemente” no esporte que ela se realiza, aparecendo “como uma marca distintiva da Educação Física no contexto escolar”. Entretanto, os autores dizem que a legitimação na Educação Física, o que a mantém no currículo escolar, não pode ser apenas isso, pois a socialização está presente também em outras disciplinas do currículo escolar.

Os autores Vianna e Lovisolo (2011) apud Simão (2017, p. 17) dizem que essa socialização através do esporte “poderá trazer benefícios para toda a vida, pois o que a criança vivenciar no desporto servirá de referência para a tomada de algumas decisões que influenciará o seu cotidiano”. Esta referência para a tomada de decisões que os autores indicam foi visualizada também pelo Professor A nos Jogos Escolares, relatada no trecho abaixo:

Nesses momentos do esporte que a adrenalina está a mil, que eles estão no limite de tensão, podem ter atitudes mais extremas em relação ao jogo. [...] Como, por exemplo, um gurizão [...] que se incomoda, por que perdeu ou por que não conseguiu fazer o gol, e ele consegue equilibrar isso na cabeça dele, é muito importante. E se eles sabem se controlar nesses momentos de pico de adrenalina de excitação, eles provavelmente vão saber se controlar na vida deles para todas as situações estressantes também (ENTREVISTA, 09/03, Professor A).

Outro princípio, a cooperação, foi elegido por Barbieri (2001, p.144) ao falar de esporte educacional e se caracteriza como “união de esforços no exercício constante da busca do desenvolvimento de ações conjuntas para a realização de objetivos comuns” . Este princípio está presente na fala do Professor D como um aprendizado que seus alunos obtêm nos Jogos Escolares.

A organização do grupo, ser uma equipe, por que às vezes tu tá aqui na escola “eu jogo, eu sou”, mas lá eu não tô sozinho. Lá, eu tenho outro objetivo, que é ganhar medalha. Então, eu preciso dos outros também. O “fominha” na escola é também nos jogos escolares, mas os outros colegas começam a cobrar “mas a gente é uma equipe e tu tá jogando sozinho”; aí ele repensa as atitudes e, no próximo jogo, já joga diferente (ENTREVISTA, 05/04).

Em relação ao princípio de coeducação, também citado por Barbieri (1996), pode-se destacar que se deve levar em conta as experiências dos participantes, podendo refletir a ação com seu educador. É o que faz o Professor D com seus alunos, no qual relata a conversa com um deles:

Esses dias, durante a aula, fomos jogar futebol 7. Então uma aluna disse: “Ah, professor, por que as meninas pedem desculpa quando

uma ou outra cai?" Eu disse: "Por que isso é educação, é respeito um pelo outro" Ela disse: "É... por que agora eu já peguei o costume, quando vamos nos jogos escolares a gente derruba sem querer e a gente já pede desculpa". Então, isso desenvolve o ajudar, o cooperar, ver o outro (ENTREVISTA, 05/04, Professor D).

"Eu procuro conversar muito com meus alunos dessa questão de tu respeitar a outra equipe e eu percebo que tem outros colegas que também fazem isso. Ao sair da quadra e todo mundo se cumprimentar, dar parabéns pra equipe que ganhou" (ENTREVISTA, 16/03, Professor B), *"Saber jogar respeitando o adversário, ganhando ou perdendo, mas respeitando, eu acho que isso é uma aprendizagem muito importante para a vida deles"* (ENTREVISTA, 09/03, Professor A), *"Eu acho que eles aprendem muito a questão do respeito"* (ENTREVISTA, 28/03, Professor E). Esses são demonstrativos de relatos de aprendizagem e exercício de uma postura de respeito.

Além da formação social do estudante, os Jogos são carregados de aprendizagens cognitivas relacionadas às regras e à constituição do jogo institucionalizado (com arbitragem, mesários).

Tem muita coisa pedagógica de fundamento, de regras, de coisas que estão na parte do conteúdo, que nos jogos eles conseguem identificar e te colocar. Situações, às vezes, de uma falta que eu digo na aula que é falta e os alunos "não, não é", e na primeira situação que acontece nos Jogos Escolares eu digo "viu te falei que é falta" (ENTREVISTA, 14/03, Professor C).

Muitas vezes é o primeiro contato com o árbitro de verdade que está apitando, uma mesa que faz anotação, placar, então isso tudo é um grande aprendizado para eles. A questão do cumprimento maior às regras do jogo, por que na aula às vezes encostou a mão na bola e continua e lá não. Então, eu acho que é um aprendizado, é uma revisão de muita coisa nesse sentido (ENTREVISTA, 28/03, Professor E).

É interessante ressaltar, em relação à arbitragem dos Jogos, que apesar de ser institucionalizada, ela tem uma forma diferenciada de arbitrar cada categoria, cientes das exigências para com cada idade, conforme relato do Professor B:

Teve um dos campeonatos que a gente foi que eu me lembro que, às vezes, os meninos se perdiam na questão das regras e a arbitragem

apontava “não é assim”, “cara lembra é assim”, foi bem legal. Os alunos chegam nos jogos e ficam nervosos, sentem a pressão, e eles querem ganhar. A arbitragem não cobrava, ele explicava ao mesmo tempo. Isso me chamou bastante atenção sabe!? Por que não ficava aquela coisa do campeonato certinho, fica uma aula junto (ENTREVISTA, 16/03).

Contrariamente, os árbitros do estudo de Jesus et al. (2017), não diferem a forma de arbitragem dos jogos da categoria adulto para os Jogos Escolares Maranhenses na categoria Juvenil. O autor comenta que a forma de atuação “[...] deve ser direcionada aos objetivos da proposta escolar que o esporte oferece aos alunos, promovendo assim a conscientização de que a sua prática profissional pode prejudicar o desenvolvimento das crianças” (p. 422). Assim como atuam os árbitros dos Jogos Escolares desse estudo, como relatado anteriormente pelo Professor B.

A partir destes depoimentos, referenciados com princípios pedagógicos, pode-se visualizar que os Jogos Escolares abrangem valores educativos, apesar deles não serem moldados para este fim. Poder-se-ia realizar uma reflexão no sentido de que se os Jogos fossem planejados com o intuito de atingir estes fins, eles se aproximariam mais dos objetivos da Educação Física Escolar.

Porém, apesar das diversas qualidades e dos princípios pedagógicos já citados, foram percebidos que nos Jogos Escolares não se pode ignorar as inquietações geradas pelos professores sobre o modelo das disputas e o convite à reflexão de se outras possibilidades de Jogos que, talvez, fossem mais próximos à realidade da escola e da Educação Física Escolar.

Então, têm crianças que não têm tanta habilidade e, pra mim, isso é o de menos. Mas quando estamos lá nos jogos, aqueles que estão no banco, dá uma dó. E eu tenho que dar um jeito de trocar. É um dilema que eu vivo: a competição e a aula de educação física que, pra mim, são muito distantes. Mas como eles gostam, eu acho que eles têm o direito a participar, aí eu vou (ENTREVISTA, 28/03, Professor E).

Fica um pouco complicado tu escolher só alguns pra levar, essa é a tarefa dos jogos, qualquer campeonato vai ter isso. Para o professor,

pesa um pouco essa questão, tu pode levar tantos, mas tu não pode levar todos os outros (...). Então, tem o lado positivo como tem o lado de tem que selecionar (ENTREVISTA, 16/03, Professor B).

O fator seleção dos alunos foi apontado pelos dois professores como a principal dificuldade imposta pelos Jogos e pela característica de competição, sendo que não se pode abranger todos os interessados devido ao número limitado de vagas. Também, o Professor D comenta que *"o que não é legal, é quando a coisa fica muito competitiva"* (ENTREVISTA, 05/04). Em relação a isto, a competição demasiada, ocasiona alguns comportamentos que não estariam de acordo com as condutas adequadas tanto por parte dos alunos quanto dos professores.

Por que se tu vai para um campeonato, tu vai para ganhar. Acontece situações entre os próprios alunos, procuro educá-los para que o respeito esteja em primeiro lugar, mas nem sempre isso acontece. Às vezes, até entre professores a coisa não é tão amigável (ENTREVISTA, 28/03, Professor E).

Esses dias, eu estava começando a ficar meio assim com um professor, com uma situação que acontecia em todos os jogos e que me incomodava, por que eu não concordo. Acho que a gente tem que zelar pelo respeito entre todos e – lógico – que querer vencer todo mundo quer, é tão bonitinho aparecer lá no jornal "blá blá", escola tal, professor tal, só que isso nunca foi minha principal motivação (ENTREVISTA, 09/03, Professor A).

Neste sentido, Frizzo (2013, p. 171), ao investigar questões dos Jogos, também constatou tais afirmações vindas de professores, percebendo que "[...] a competitividade assume um caráter de disputa exacerbada própria do modelo esportivo hegemônico [...]".

Tem realmente times que vão pra ganhar, mas às vezes são até esses alunos que participam de outros campeonatos que vem com essa proposta. A gente busca ensinar eles de forma diferente (ENTREVISTA, 16/03, Professor B).

Está inserido culturalmente, eles querem, a gente quer, eu particularmente hoje, não que eu queira vencer, mas a gente quer ir bem, a gente quer representar (ENTREVISTA, 14/03, Professor C).

São comentários acerca da postura dos alunos perante aos Jogos. Citações similares foram encontradas em estudos como o de Neuenfeldt (2008, p. 64), que comenta: “[...] percebe-se que os alunos da escola A participam do JOGUEM com intuito de serem vitoriosos[...]” e Frizzo (2013, p. 169) “[...] o alunado quer disputar os jogos com o intuito de ganhar, de ser campeões[...]”.

Em razão destas situações, Tubino (2010, p. 128) começou a refletir e pensar em outras possibilidades para os Jogos Escolares Brasileiros, que vinham sendo considerados por ele como “manifestações de violências simbólicas”, pois “permitiam desigualdades e careciam de valores educativos”. Neste sentido, questionou-se os professores sobre se visualizavam a necessidade de mudança no modelo dos Jogos.

Eu acho que seria mais essa parte de todo mundo poder participar. Daqui a pouco até ser uma questão de integração, que tu possa incluir mais pessoas e não ser tão competitivo. Seria uma forma mais educativa, acredito (ENTREVISTA, 16/03, Professor B).

A competição [...] tem um lado positivo, mas tem um lado que me incomoda que é o de não todo mundo participar (ENTREVISTA, 28/03, Professor E)

Já participei de campeonatos que [...] obrigatoriamente tem que botar todos a jogar [...] lógico tu faz com que todo mundo participe mais, que aqueles que estão indo joguem, então tem essa parte legal (ENTREVISTA, 14/03, Professor C).

Este entendimento dos professores é um passo inicial para promover a reflexão sobre a temática e evoluir na questão da proposta de Jogos Escolares. Desta forma abrangendo, de maneira mais completa, os princípios pedagógicos já percebidos e citados neste estudo.

Algumas competições entre escolas e entre anos foram pensadas com a finalidade de romper com a lógica de esporte rendimento no ambiente escolar. Assis (2001) exemplifica o contexto dos jogos de sua pesquisa, chamados de Festival, que tinham como diferencial a forma de pontuação, as regras que buscam igualdade, a junção de turmas e o envolvimento dos alunos com a arbitragem. Consoante Silveira,

Pinto e Simões (2005) e Tubino (2010), já citado anteriormente, realizaram as alterações necessárias para atingir fins educacionais.

Uma época, eu conheci o "Jamboree", no qual vão todas as escolas. E, lá fazemos um jogo mesclando um de cada um. Sabe!? É uma coisa muito legal. Então com certeza eu ia estar mais feliz participando do "Jamboree" pela questão da competição. [...] poderia haver as duas possibilidades. Acho que não dá para excluir totalmente a competição, mas também ter uma outra modalidade de encontro esportivo (ENTREVISTA, 28/03, Professor E).

As interséries aqui na escola são mistas. Do 5º ao 9º ano, numa mesma equipe, temos meninos e meninas. Então é bem uma integração. Desde que eu entrei aqui, sempre fizemos interséries assim, por que eu acho que é bem uma manhã de integração. Na verdade, nós usamos como interséries, mas o objetivo é integrar, por que eles não se conhecem, nunca jogaram juntos, tem que ter o cuidado por ter os menores, por ter meninas junto. É uma manhã bem legal, bem diferente, bem boa (ENTREVISTA, 16/03, Professor B)

A última intersérie foi mista, por que as turmas estão com poucas meninas. Quem organiza é o grêmio estudantil e a paixão deles é futsal. Então, acaba saindo interséries de futsal (ENTREVISTA, 28/03, Professor E).

De igual maneira ao apresentado nas referências de Assis (2001), Tubino (2010) e Silveira, Pinto e Simões (2005), os professores relataram sobre as vivências com outras propostas de Jogos, tanto municipais em que participaram, quanto interclasses no qual realizaram. Estes depoimentos demonstram que é possível promover e executar mudanças no contexto dos Jogos Escolares, contudo um deles também menciona que as propostas podem coexistir.

Porém, assim como Reverdito et al. (2008, p. 37) afirmam "[...] esse modelo de competição tem o desafio de romper com a ideologia e o paradigma reducionistas, que sustentam os sistemas atuais, em que prevalece o ideário de ganhar a qualquer custo, o individualismo e a escravidão dos resultados". Assim, questiona-se o porquê haveria esta dificuldade e por que é um desafio romper com estes modelos.

Já participei de jogos que tinham mais a parte cooperativa. O problema é conseguir inserir isso no pensamento, não só nosso dos professores, mas do próprio aluno ou até de quem organiza. Sinceramente, eu não sei como funcionaria de uma maneira que fosse

se tornar adequada, por que automaticamente hoje ainda tu vives em uma sociedade que vencer é importante, que a questão da competição é muito forte (ENTREVISTA, 14/03, Professor C).

Silveira, Pinto e Simões (2005, [p.2290]) apresentam as mudanças ocorridas em dois anos de uma proposta diferenciada para os Jogos: “entre os avanços, percebidos também por algumas das escolas participantes, podemos destacar a mudança de atitude de vários professores e alunos nos jogos”. Isto demonstra que é possível mudar o pensamento de alunos e professores ao contrário do que se pensa. Os autores ainda comentam que “entre as dificuldades, a primeira a destacar é a não valorização do torneio por algumas escolas participantes que ainda consideram que aqueles eventos promovidos por instituições não-educativas [...] são eventos de maior importância”.

Não sei como é que funcionaria nesse sentido. Existem outras possibilidades, mas os jogos escolares preparam para os jogos escolares do estado que levam uma possibilidade de um estadual, de um nacional dependendo. Então, tudo no sistema hoje, basicamente, ele tá voltado pra isso. Não é que a gente vai com o sistema, mas a gente tenta trabalhar dentro dos conteúdos que tem e participar no que a gente consegue de possibilidade de participar (ENTREVISTA, 14/03, Professor C).

O comentário acima traz uma observação sobre as outras disputas para o qual os Jogos Escolares classificam. Essa forma está pautada na lógica do esporte de rendimento, que segue o “sistema”, devido ao fato de que só avançam os melhores para as próximas fases. Isto demonstra a necessidade de mudança não somente em nível municipal, mas também em outras competições de cunho educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões, conclui-se que os Jogos Escolares têm grande influência na Educação Física Escolar, mesmo quando esta não está explicitada na fala dos professores. A influência dá-se, principalmente, na forma como os professores

organizam seus conteúdos dentro do planejamento anual, utilizando as datas dos Jogos Escolares como referência para seu planejamento. Apesar de alguns dos professores terem o planejamento para o ano letivo pronto ao sair o calendário dos jogos, de acordo com a necessidade, fazem adaptações e enfatizam a prática quando está próximo a disputa de determinada modalidade na competição.

Em virtude de os professores terem como base o calendário dos Jogos para o seu planejamento, as práticas da Educação Física Escolar tornam-se demasiadamente esportivizadas, privando os alunos de outras experiências corporais propostas também pela Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2017). Porém, a grande crítica está no que diz respeito à metodologia de trabalho utilizada para estas aulas que objetivam a aprendizagem dos esportes.

O estudo não tinha a finalidade de discutir a metodologia empregada nas aulas, entretanto constatou-se a utilização de uma metodologia competitivista por parte de um dos professores. Como o estudo está baseado na Sociologia Crítica do ensino da Educação Física e dos esportes, cabe aqui problematizar que esta metodologia não está de acordo com os ideais da BNCC, pois está apoiada no esporte de rendimento.

Os professores entrevistados não dispõem de carga horária para realizar treinamento, portanto organizam suas equipes em momentos distintos como hora atividade, recreio ou na própria aula. A preparação nestes momentos é para estruturar a equipe e entrosar os alunos que vão jogar; já que – a por vezes – os alunos não são da mesma turma, não caracterizando este como um treinamento para os jogos.

A seleção dos alunos para os Jogos Escolares é realizada por parte dos professores, devido ao número limitado de vagas. O principal critério utilizado é o desempenho na modalidade, ou seja, os melhores e mais habilidosos são escalados para participar. Em algumas escolas, dependendo de alguns fatores como categoria e

modalidade, há a possibilidade de levar todos que tenham interesse em participar, sem precisar realizar seleção. Isto se deve ao fato destas escolas serem menores e terem poucos alunos com mesmo gênero e idade correspondentes ao da categoria.

Deve-se refletir sobre a seleção dos alunos em ambiente escolar, onde um dos intuitos é integrar e incluir. Realizando-a se está utilizando uma das características do esporte de rendimento, que é repudiada por autores como Bracht (2009) e Kunz (2016), que defendem uma Educação Física de ensino crítico, com significados pedagógicos para tratar do esporte na escola.

A percepção dos Jogos Escolares na visão dos professores, no que diz respeito principalmente aos valores exercitados, é muito positiva. Socialização, cooperação, co-educação e respeito foram atributos positivos visualizados por eles. Contudo, princípios não-educativos também foram percebidos, ao relatar condutas não corretas por parte de professores e alunos, como a falta de respeito; especialmente para alcançar o objetivo maior da competição que é a vitória.

Isto demonstra a necessidade de ressignificar o esporte escolar, como propõe autores já citados no decorrer do estudo, para que seja um esporte que defenda objetivos da escola e não do esporte de rendimento, em virtude de ambos serem distintos. Inclui-se também a ressignificação dos Jogos Escolares, pois são direcionados aos alunos. Sendo assim, seu objetivo deveria estar de acordo com os objetivos da escola.

Alguns dos professores entrevistados já participarem de Jogos com este intuito e afirmam que gostariam que houvesse mudanças neste sentido, pois visualizam diferenças entre esporte de rendimento e esporte escolar.

Entretanto, são escassos os relatos de Jogos Escolares municipais encontrados que abrangem estes princípios, para que assim possa-se fazer uma análise do seu

sucesso ou não. Neste sentido, pode-se refletir que são poucos os Jogos direcionados a essa lógica e muitos que ainda seguem os modelos institucionalizados.

Há a proposta de um professor de realizar os dois modelos de Jogos Escolares (integração e competitividade), o que é muito interessante, pois os educadores perceberam que há mais pontos positivos do que negativos acerca dos Jogos Escolares investigados no contexto.

Outra questão relevante a se refletir é sobre a participação das escolas e dos alunos: será que o interesse seria mesmo participar? Por qual razão estas propostas por vezes não são duradouras? Outra indagação relevante feita pelo professor foi: Como funcionaria a classificação para os Jogos regionais se não houvesse vitoriosos neste campeonato?

Conclui-se que os Jogos não estão articulados com a Educação Física Escolar no que tange uma Educação Física para todos. Porém, ao relacionar a aprendizagem de conteúdos esportivos, regras, sistema de competição e princípios educacionais, acredita-se que a articulação é coerente com os objetivos desse componente curricular.

Também deve-se esclarecer que os professores têm objetivos diferentes para os Jogos, e isto influencia na sua forma de participação, podendo ela ser tanto com intuito de adquirir aprendizagens como o de ganhar; mudando assim a perspectiva dos Jogos a partir de sua participação.

Muitas ainda são as dúvidas entre os benefícios proporcionados pelos Jogos Escolares e a crítica do modelo no qual está estruturado e em que é trabalhado na escola com a finalidade de vencer. Há uma grande trajetória a percorrer no que diz respeito às mudanças de metodologia de ensino da Educação Física Escolar e à sua legitimação na escola e ao sistema de disputa dos Jogos Escolares, que se encontra

dentro de uma estrutura de competição que segue até a fase nacional (Jogos Escolares da Juventude).

Poder-se-ia avançar neste estudo entrevistando os alunos para entender como eles visualizam os Jogos Escolares e como quem não participa o percebe. Também seria interessante investigar a proposta da Educação Física das Escolas a fim de constatar se as interséries estão em consonância com a mesma, assim como a proposta de Jogos Escolares no qual a escola participa.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para uma reflexão sobre o esporte escolar e a dinâmica dos Jogos Escolares, para que então possa-se pensar em um esporte da escola e para a escola, e não apenas na reprodução do esporte de rendimento.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Savio. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BARBIERI, Cesar Augustus Santos (Org.). **Esporte Educacional**: uma proposta renovada. Recife: Universidade de Pernambuco/UPE-ESEF MEE/INDESP, 1996.
- BARBIERI, Cesar Augustus Santos. **Esporte educacional**: uma possibilidade para a restauração do humano no homem. Canoas: ULBRA, 2001.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 2. ed. Ijuí: UNIJUI, 2003.
- _____. Esporte de rendimento na escola. In: STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo (orgs.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 11-26.
- _____. **Educação física e aprendizagem social**. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.
- BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe. A Política de Esporte Escolar no Brasil: A Pseudovalorização da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 87-101, maio 2003. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/765/439>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BRACHT, Valter; CAPARROZ, Francisco Eduardo; FONTE, Sandra Soares Della. **Pesquisa em ação**: educação física na escola. Ijuí: UNIJUI, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCCpublicacao.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

FRIZZO, Giovanni. Os jogos escolares como mecanismos de manutenção e eliminação: uma crítica à lógica esportiva na escola. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 04, p. 163-180, out/dez., 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/38628/27449>>. Acesso em: 26 out. 2017.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação física progressista**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. **Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física**. Ijuí: UNIJUI, 2001.

JESUS, Raimundo José et. al. Estudo sobre a visão dos árbitros em relação as suas atuações na categoria Infantil, da modalidade Futsal nos Jogos Escolares Maranhenses 2014. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, Edição Especial: Pedagogia do Esporte, São Paulo. v.9. n.35. p.422-428. Jan./Dez. 2017. ISSN 1984-4956. Disponível em: < <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/551>>. Acesso em: 25 maio 2018.

KUNZ, Elenor. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. In: STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo (orgs.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 27-48.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 8. ed. Ijuí: UNIJUI, 2016.

LOVISOLO, Hugo. Mediação: esporte rendimento e esporte da escola. In: STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo (orgs.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas: Autores Associados, 2009.p. 157-170.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MORAES, Roque. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discurso. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, J. V. de. **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. p. 85-114.

NEUENFELDT, Derli Juliano. **Esporte, educação física e formação profissional**. Lajeado: UNIVATES, 2008.

REVERDITO, Riller Silva et. al. Competições Escolares: Reflexão e ação em Pedagogia do Esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a Prática**, Porto Alegre, 11/1:

37-45, jan./jul. 2008. Disponível em:
<<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/1207/3279>>. Acesso em: 30 maio 2018.

SILVEIRA, Guilherme C. F.; PINTO, Joelcio F.; SIMÕES, Lucas. O esporte escolar em nossas mãos. In: **Anais do XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. Porto Alegre: ESEF/UFRGS/RS, 4 a 9 de setembro, 2005. p.2286-2293. Disponível em:
<<http://www.cbce.org.br/docs/conbrace2005.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2017.

SIMÃO, Paulo Miguel Borges Garcia da Ponte. **O contributo dos jogos desportivos escolares no processo sócio-desportivo de crianças e jovens em idade escolar**. Dissertação de Mestrado em Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real-PT,. 7 ago. 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10348/7384>>. Acesso em: 01 out. 2017.

STIGGER, Marco Paulo. Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. In: STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo (orgs.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas: Autores Associados, 2009. p.103-134.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1995.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010. E-book. Disponível em:
<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/123456789/130/livro%2520tubino.pdf?sequence=5>>. Acesso em: 28 set. 2017.

TUBINO, Manoel José Gomes; GARRIDO, Fernando Antonio Cardoso; TUBINO, Fábio Mazon. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2007.

ANEXO A – Diretrizes para autores

Diretrizes para Autores

Para submeter manuscritos, após efetuar o cadastro de usuário, basta acessar o sistema, clicar em “autor” e iniciar o processo de 5 passos de submissão. O envio de manuscritos para a Revista Thema será feito unicamente por meio deste site.

* A submissão de manuscritos é gratuita e não são cobradas taxas para a sua revisão (avaliação).

Havendo dúvidas neste processo consulte o Tutorial de submissão.

Abaixo seguem instruções importantes para a submissão de manuscritos:

A Revista aceita manuscritos em língua portuguesa nos seguintes formatos:

1. Artigo: síntese de pesquisa original ou revisão crítica de bibliografia temática específica;
2. Relato: relatos de caso ou experiência, de conteúdo inédito e relevante, devendo estar amparada em referencial teórico que dê subsídios a sua análise;
3. Resenha: Análise descritiva e analítica de obra nacional ou estrangeira, recentemente publicada;
4. Nota Científica: Categoria de manuscrito científico que descreve uma técnica, um aparelho, uma nova espécie ou observações e levantamentos de dados limitados a experimentos não repetíveis ou outras situações únicas. É, em geral, mais curta que os trabalhos científicos completos, não precisando obedecer a estrutura clássica. Tem o mesmo rigor científico dos "Trabalhos Científicos" e o mesmo valor como publicação.

No preparo do manuscrito (clique aqui para baixar modelo), deverá ser observada a seguinte estrutura:

- a) Título e subtítulo do artigo (até duas linhas);
- b) Título em inglês;
- c) Resumo e palavras-chave (exceto para resenhas): o resumo deve conter entre 550 e 1200 caracteres, incluindo os espaços. As palavras-chave, que identificam o conteúdo do artigo, devem ser de no máximo cinco (05);
- d) *Abstract* (exceto para resenhas) e *key words* (exceto para resenhas);
- e) Corpo do texto, ao longo do qual não deve haver identificação autoral;
- f) Referências bibliográficas conforme especificado nas normas à seguir.

Os textos deverão ser submetidos considerando as seguintes normas:

- a) Fonte Tahoma, tamanho 11, espaçamento duplo;
- b) Tamanho máximo dos trabalhos:
 - I – 60.000 caracteres (com espaços) para artigos;
 - II – 35.000 caracteres (com espaços) para relatos e ensaios;
 - IV – 15.000 caracteres (com espaços) para resenhas.
- c) Papel A4;
- d) Margens de 3 cm;
- e) Páginas numeradas;
- f) Linhas numeradas;
- g) As notas devem ser numeradas e constar no final do texto;
- h) As citações devem obedecer à forma (Sobrenome do Autor, ano) ou (Sobrenome do Autor, ano, p. x). Diferentes títulos do mesmo autor, publicados no mesmo ano, deverão ser diferenciados adicionando-se uma letra depois da data (Sobrenome do Autor, ano, p. xx);
- k) As referências bibliográficas deverão ser feitas ao final do trabalho, de acordo com a normatização ABNT (NBR 6023/2002), conforme indicado abaixo:

Livros:

SOBRENOME DO AUTOR, prenomes sem abreviatura. **Título do livro:** subtítulo. Local de publicação: Editora, ano de publicação.

Capítulos de livros:

SOBRENOME DO AUTOR, Prenomes sem Abreviatura. Título do capítulo: subtítulo. In: SOBRENOME DO AUTOR, Prenomes sem Abreviatura. **Título do livro.** Edição. Local de publicação: Editora, ano de publicação.

Periódicos:

SOBRENOME DO AUTOR, Prenomes sem abreviatura. Título do artigo: subtítulo. **Título do Periódico**, local de publicação, número do volume, número do fascículo, páginas inicial e final do artigo, mês e ano de publicação.

Monografias, teses e dissertações:

SOBRENOME DO AUTOR, Prenomes sem abreviatura. **Título:** subtítulo. Local do curso(cidade): nome da universidade (abreviado), ano de publicação. Monografia, Dissertação ou Tese, nome da faculdade, centro ou instituto, nome da universidade por extenso, ano de conclusão.

Documento eletrônico:

SOBRENOME DO AUTOR, Prenomes sem abreviaturas. **Título.** Disponível em: Acesso em: dia mês (abreviado) ano.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e preferencialmente inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista;
2. Os arquivos para submissão estão em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF (desde que não ultrapassem 2MB)
3. URLs para as referências foram informadas quando necessário.
4. O texto está em espaço duplo; usa uma fonte de 11-pontos; emprega itálico em vez de sublinhado (exceto em endereços URL); as figuras e tabelas estão inseridas no texto, não no final do documento, como anexos.
5. O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em Diretrizes para Autores, na seção Sobre a Revista.
6. A identificação de autoria do trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista
7. Orientações para os Autores sobre a avaliação dos manuscritos. [PDF](#)

Declaração de Direito Autoral

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE: Certifico que participei da concepção do trabalho, em parte ou na íntegra, que não omiti quaisquer ligações ou acordos de financiamento entre os autores e companhias que possam ter interesse na publicação desse artigo. Certifico que o texto é original e que o trabalho, em parte ou na íntegra, ou qualquer outro trabalho com conteúdo substancialmente similar, de minha autoria, não foi enviado a outra revista e não o será enquanto sua publicação estiver sendo considerada pela Revista Thema, quer seja no formato impresso ou no eletrônico.

O autor responsável pela submissão representa todos os autores do trabalho e, ao enviar o artigo para a revista, está garantindo que tem a permissão de todos para fazê-lo. Da mesma forma, assegura que o artigo não viola direitos autorais e que não há plágio no trabalho. A revista não se responsabiliza pelas opiniões emitidas.

A Revista Thema é de acesso aberto (Open Access), sem que haja a necessidade de pagamentos de taxas, seja para submissão ou processamento dos artigos. A revista adota a definição da *Budapest Open Access Initiative (BOAI)*, ou seja, **os usuários possuem o direito de ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, buscar e fazer links diretos para os textos completos dos artigos nela publicados.**

Todos os artigos são publicados com a licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](#). Os autores mantêm os direitos autorais sobre suas produções, devendo ser contatados diretamente se houver interesse em uso comercial dos trabalhos.

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.